

DO PORTO AO BÁLTICO, 1780.
ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES
ENTRE PORTUGAL E A RÚSSIA

Victor de Sá*
Gaspar Martins Pereira**

1. Introdução

Do lado português, o estudo das relações entre os dois países dos extremos da Europa (a Europa do Atlântico aos Urais) está ainda em fase incipiente. Além do livro prestimoso de Rómulo de Carvalho, *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, publicado em 1979, não sabemos de outros que tenham aprofundado a matéria ou ampliado o seu âmbito cronológico. Compreendem-se bem as dificuldades, se tivermos presente que as nossas relações com a Rússia e a União Soviética estiveram interrompidas desde 1918 até 1974.

Depois de restabelecidas as relações diplomáticas e comerciais, também as relações culturais têm vindo a ser retomadas, embora timidamente. Na área a que estamos ligados, deve salientar-se a persistência com que, desde 1984, se têm mantido os encontros bienais de Historiadores Portugueses e Soviéticos, alternadamente na URSS e em Portugal.

* Investigador do Centro de História e Professor de História Contemporânea de Portugal da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Assistente de História Contemporânea de Portugal da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica.

Diálogo difícil, devido às barreiras linguísticas sobretudo (refira-se, no entanto, que no Encontro de 1990 participaram cinco soviéticos que falavam português), mas estamos certos de que se encarreirá na direcção de úteis projectos convergentes de investigação, que possam iluminar os temas que nos são comuns, como este da história das relações entre os dois povos.

Numa altura em que, tanto em Portugal como, mais recentemente, na União Soviética, se revolvem as raízes do conhecimento histórico e se procura desfazer o gelo do nosso desconhecimento mútuo, não será despiciendo carrear para a ribalta da publicitação científica todos os materiais e contributos que possam conduzir-nos a uma aproximação. O conhecimento recíproco dos antecedentes históricos que nos são comuns ou afins ajudar-nos-á, quiçá, a encontrarmos bons motivos de interesse para desvendar mais aprofundadamente as razões das sucessivas discontinuidades que, ao longo de três séculos, nos foram tão prejudiciais.

É como achega a este objectivo que agora publicamos os relatórios de viajantes portugueses que participaram nas navegações mercantis da Barra do Douro em direcção aos portos do Mar Báltico, duas delas a S. Petersburgo e outra a Riga, no ano de 1780, por iniciativa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, pioneira das relações comerciais directas entre os dois países.

2. Os relatórios

Os documentos, que agora publicamos, fazem parte da colecção de manuscritos da Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto. Entre outras obras de avultado interesse histórico, o Ateneu conserva três volumes encadernados a carneira, reunindo dezenas de documentos manuscritos diversos, alguns originais outros cópias, quase todos do último quartel do século XVIII, com interesse para a história da cidade do Porto e relacionados com a acção da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro¹.

Desconhecemos a origem de tais compilações, que parecem contemporâneas da documentação, a avaliar pelas respectivas encadernações, tendo sido provavelmente organizadas por alguém com fortes

¹ Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto. Reservados. *Colecção Necessaria*, tomo 1; *Colecção Importante*, tomo 2; *Colecção de raridades para a História do Porto e da Companhia do Alto Douro*, tomo 4. Provavelmente terá existido ainda um terceiro tomo de que desconhecemos o paradeiro.

ligações à Companhia. No interior dos três volumes, o nome de Carlos Passos e a data de 1955, assinalam apenas que tais volumes poderão ter pertencido àquele estudioso de temas portuenses, mas já pertenciam ao Ateneu muito antes daquela data.

Os relatórios, que se encontram em dois destes três volumes de manuscritos, são todos da autoria de aulistas de Náutica, alunos da Escola Náutica, criada no Porto em 1762.

O relatório assinado por António José Lopes Pereira (Doc. 1) dá notícia da viagem da corveta Pérola, saída do Porto a 3 de Maio de 1780 e regressada a 12 de Setembro. Descreve-nos sumariamente a ilha e porto de Cronstadt, no golfo da Finlândia, a uns 30 quilómetros de S. Petersburgo, bem como os costumes desta capital do Império Russo, tanto quanto lhe foi possível observar no «limitado tempo de oito dias». Integra uma segunda parte especificamente designada *Notícia da Corte da Rússia*.

O segundo texto (Doc. 2), assinado por Miguel Setaro, futuro cônsul em S. Petersburgo, relata a viagem da polaca S. Tomás a Riga, capital da Letónia (ou Livónia), tendo partido do Porto a 2 de Junho e regressado a 5 de Novembro de 1780. Na segunda parte deste relatório, o autor faz uma *Breve descrição de Riga e seu comércio*.

O outro texto que publicamos (Doc. 3), ao contrário dos anteriores, não está assinado e parece tratar-se de uma cópia. Pela nota marginal, aposta no início do texto, provavelmente pelo compilador, sabe-se que é da autoria de Domingos Gonçalves Caldas, natural e morador em Vila Nova de Gaia, que, em 1780, havia ido, também como aulista de Náutica, a S. Petersburgo no navio S. Lourenço, tendo regressado ao Porto no ano seguinte. Trata-se de um texto de natureza diferente dos anteriores, mas tem muito interesse, até pelas pertinentes considerações sobre a maneira como devia ser orientado o comércio que se iniciava («é preciso não só consultar a própria conveniência, mas também o gosto da Nação com que se pretende negociar»). Além disso, integra o mesmo conjunto de relatórios realizados por praticantes da Aula de Náutica que, naquele ano de 1780, por iniciativa da Companhia das Vinhas do Alto Douro, participaram com entusiasmo na abertura de relações comerciais directas com a Rússia e os portos do Báltico. Daí que todos os textos sejam endereçados à Junta da Administração da Companhia. Pelos agradecimentos neles consignados e pelo tipo de informações recolhidas, os relatórios permitem supor que as viagens destes Práticos aulistas correspondiam a uma espécie de estágios de fim de curso, pagos pela Companhia, que tanto incitavam os profissionais saídos da Aula de Náutica, como se destinavam a encorajar a exportação dos produtos portugueses, em particular vinhos do Alto Douro, para aqueles territórios ribeirinhos do

Báltico. Registe-se que, antes das viagens para o Norte da Europa, os aulistas eram embarcados nos navios que demandavam a América, sobretudo o Brasil.

Na transcrição dos documentos optámos por manter a ortografia original, substituindo apenas as maiúsculas comuns e no interior das palavras (substituímos o *R* no meio das palavras por *rr*), reduzindo a pontuação, actualizando a acentuação quando existente, bem como a reunião ou separação de palavras ou elementos. Em todo o caso desdobramos todas as abreviaturas, excepto nos raros casos, que vão assinalados, em que tínhamos dúvidas, preferindo nesses manter a forma original.

3. Primeiros contactos no século XVIII

Com a política e o comércio externos tradicionalmente controlados pela preponderância britânica, não foi fácil a Portugal estabelecer relações directas com o Império Russo na outra extremidade do continente europeu.

É certo que, ao longo do século, houve situações propícias à institucionalização dessas relações, mas foram sendo sempre postergadas.

Logo em 1703, ano que ficou para nós marcado pela assinatura do Tratado de Methuen com a Grã-Bretanha, que nos impôs o consumo da sua indústria têxtil em troca da preferência pelos vinhos do Porto, Pedro o Grande dava início na Rússia à edificação geométrica e sumptuosa da nova capital do Império, que tomou o seu nome em alemão, Petersburgo, mais tarde Petrogrado, enfim a cidade que passaria a chamar-se Leninegrado depois da Revolução Soviética de 1917. Nesse arrojado empreendimento, Pedro I ocupou em funções preponderantes um jovem e ágil português, António Manuel Luis Vieira, que havia conhecido como grumete aquando da sua viagem à Holanda e à Inglaterra em 1697. Tendo-o levado consigo no regresso à Rússia, confiou-lhe lugares de responsabilidade no ordenamento da nova cidade, onde terá desempenhado funções idênticas às de um presidente de câmara municipal. Elevado à categoria de conde, Vieira foi também Generalíssimo Primeiro do Mar e Regedor das Justiças. Dois anos após a morte do Imperador, no final do curto reinado de Catarina I, Vieira foi vítima de uma intriga de Corte, urdida pelo seu próprio cunhado, o Príncipe Menshikov. Chicoteado em público, seria despojado das suas dignidades e exilado com a família para o extremo oriental da Sibéria, onde viria a chefiar as obras de um novo porto no Pacífico, o porto de Okhotsk, e lá terá também fundado uma escola Náutica. Mais tarde, ilibado de culpas, com a subida ao poder da czarina Isabel (1741), filha de Pedro o Grande, foram-lhe restituídas as dignidades,

e foi nomeado Director da Polícia e, em 1744, Chefe do Estado Maior do Exército russo. Mas, já afectado pelo exílio, a sua saúde ressentiu-se e veio a morrer dois anos depois da nomeação. O seus restos mortais foram depositados no Mosteiro de Alexandre Nevsky, nome que designa a principal avenida da antiga capital do Império.

Sabe-se também das viagens dos Abades Tomás da Silva Avelar e Vicente de Oliveira Durão, que, em 1724, assistiram em Moscovo à coroação de Catarina I, sucessora de Pedro I. E, seis anos depois, será o Príncipe Manuel, irmão do nosso D. João V, que se deslocará à Rússia, com vista a tentar casamento com a princesa Ana Ivanovna, sobrinha de Pedro o Grande.

Embora raros, os contactos de Portugueses com a Rússia eram amigáveis e encaminharam-se para o estabelecimento de relações culturais, comerciais e diplomáticas. Estas últimas, porém, só, viriam a tomar plena expressão nos anos de 1779-1780, quando as relações se institucionalizaram a nível de Estados.

4. Relações culturais e científicas

Como se sabe, quem primeiro desempenhou papel preponderante nas relações desta natureza foi o médico português António Nunes Ribeiro Sanches, que, sob D. João V, se retirou de Portugal em 1726 para furtar-se a presumíveis efeitos persecutórios da Inquisição pela sua qualidade de judeu. Depois de algumas viagens pela França, Península Itálica, Grã-Bretanha e Holanda, prosseguiu neste último país, na Universidade de Leide, o curso ministrado pelo famoso professor de Medicina Herman Boerhaave. Foi por interferência deste professor, para isso solicitado da Rússia, que Ribeiro Sanches seria escolhido para lá prestar serviços, a partir de 1731. Começou por médico da cidade e do Senado de Moscovo, com a prerrogativa de Examinador de novos médicos e cirurgiões. Depois de ter participado num cerco em Azov, passou a residir em Petersburgo, exercendo as funções de médico militar do Corpo de Cadetes e do Hospital do Colégio dos Nobres. Também, como segundo médico da Corte, teve oportunidade de assistir às czarinas Ana Ivanovna (1739), Ana Leopoldovina (1740), Isabel Petrovna (1741), filhas de Pedro I, bem como à futura Catarina II, quando esta contava apenas quinze anos de idade (1744).

Membro honorário, desde 1739, da Academia Imperial das Ciências de Petersburgo (criada em 1725), foi Ribeiro Sanches quem incentivou o intercâmbio entre ela e a nossa Academia Real da História, com a expedição para Lisboa de numerosas publicações, que viriam a ficar

depositadas na Biblioteca da Ajuda.

Depois de se retirar da Rússia, onde viveu dezasseis anos, Ribeiro Sanches prosseguiu esse intercâmbio com a expedição de múltiplas notícias científicas, pedagógicas, políticas e económicas sobre o Império Russo, sob a forma de memórias, algumas publicadas em Paris, onde viria a fixar-se. Sobressai a *Mémoire sur les Bains de Vapeur de Russie*, obra em que atribui à prática dos banhos de vapor a compleição robusta dos russos, bem como a saúde e boa disposição de que eram dotados.

Casos observados na Rússia e dados como exemplares inspiraram-lhe muitas outras considerações, nomeadamente nas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1760), e na orientação pedagógica e científica do Colégio dos Nobres de Lisboa e dos novos estudos de Medicina, para cuja reforma muito contribuiu.

Por alturas da morte de Ribeiro Sanches, em 1783, a Academia Imperial das Ciências de Petersburgo também elegeu como seu sócio correspondente o sábio português, exilado em Londres, João Jacinto de Magalhães.

Entre os cerca de quarenta portugueses que, ao longo do século XVIII, terão estado na Rússia, segundo nos revela Rómulo de Carvalho no seu citado estudo, conta-se ainda o Duque de Lafões, em 1774, cinco anos antes da fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Por sua vez, o Gabinete de História Natural do Príncipe D. João acolheu, entre 1786 e 1788, uma valiosa colecção de amostras minerais da Rússia, bem como dezenas de exemplares de aves e outros animais empalhados. E não foi a única instituição a beneficiar deste proveitoso intercâmbio.

Refira-se ainda que, em finais do século, no domínio militar, dois oficiais portugueses, Gomes Freire de Andrade de Pamplona Corte Real, se alistaram no exército de Catarina II para combater a Turquia na Guerra de 1788-1791. Onze anos mais tarde, os mesmos oficiais partilhariam da sorte de Napoleão, quando este tentou em vão a invasão da Rússia.

5. Relações consulares e diplomáticas

Só em 1769 as relações diplomáticas começaram a estabelecer-se, de início unilateralmente, quando a Rússia, para ocorrer às necessidades de assistência a uma esquadra expedida para o Mediterrâneo, nomeou como seu encarregado o banqueiro lisboeta, de ascendência hamburguesa, Jean Antone Borchers. Esta iniciativa de Catarina II inseria-se na sua determinação em concretizar as relações directas. O seu embaixador em

Haia (Zenoviov) informou em 1772 o embaixador português naquela capital (José Vasques da Cunha) do interesse da sua soberana nesse sentido, a qual havia até publicado um regulamento que conferia aos nossos vinhos, desde que transportados por portugueses em navios portugueses, direitos preferenciais aos de outras nações. Parece que os privilégios alfandegários para os vinhos portugueses começaram na realidade a vigorar em 1766 para os portos de Petersburgo, Narva e Archangel, sendo mais tarde (1782) ampliados para os da Livónia, Estónia e Finlândia.

Quanto às relações diplomáticas propriamente ditas, só viriam a ser estabelecidas pela determinação de Catarina II, em 1779, já no reinado da nossa Maria I. As colónias inglesas da América tinham proclamado a independência três anos antes e, enquanto a Inglaterra fechara os seus portos aos navios americanos, a França e a Espanha abriam-os. A conjuntura tornara-se favorável à iniciativa diplomática da Rússia, sendo então que o conde alemão William Nosseldorf viria nomeado por Catarina como seu ministro em Portugal, enquanto para a Rússia foi o antigo embaixador português em Haia, Francisco José de Horta Machado. Entretanto, o embaixador em Londres, Luís Pinto de Sousa Coutinho elaborara um minucioso relatório, datado de 28 de Julho, de que Horta Machado se aproveitará para o início das suas funções. Com algumas intermitências, Horta Machado desempenhará o cargo até finais do século. (Depois do seu regresso definitivo, será ainda, a partir de 1808, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, e Guarda-Mor da Torre do Tombo, em 1812).

Rómulo de Carvalho diz-nos que data desse mesmo ano (1779) a presença no porto de Petersburgo do «primeiro barco comercial português com carregamento de géneros nacionais que a Companhia do Alto Douro enviou para a Rússia», a corveta *Nossa Senhora da Guia*, com a carga consignada ao comerciante lá estabelecido, de nome Nicolao Molwo, alemão da cidade de Lubeck. Em 1780 partem do Porto para o Báltico os navios mercantes em cujas viagens participaram os autores dos relatórios adiante transcritos: a corveta *Pérola* e o navio *S. Lourenço* com destino a S. Petersburgo, e a polaca *S. Tomás* com destino a Riga.

Por essa altura, jogava-se no tablado internacional a proposta de Catarina II para a assinatura de um Tratado de Neutralidade Armada, de forma a permitir aos países neutros assegurar com a sua bandeira que a mercadoria transportada não era contrabando bélico. Tratava-se de estabelecer um Direito das Gentes na Guerra do Mar.

Quando o embaixador russo chegou a Lisboa (4 de Junho de 1780), ainda o governo português rejeitava a sua adesão ao Tratado. Mas Catarina II estava determinada a afirmar a Rússia como potência marítima

e tinha expedido uma esquadra para o Mar do Norte, outra para o Mediterrâneo e uma terceira para Lisboa, cujo porto era normalmente ocupado por divisões navais britânicas. O embaixador Nosseldorf informou o ministro português de que a esquadra vinha a caminho e pediu para que os navios fossem recebidos amigavelmente. Sabe-se, por Rómulo de Carvalho, que a anunciada esquadra, composta por seis navios de guerra, comandados pelo contra-almirante Ivan Borissov, entrou no Tejo em Setembro, enquanto outros barcos russos estacionavam ao largo do Cabo de S. Vicente. Estes, comandados por M. Le Chevalier Palybin, também aos poucos foram demandando a barra. Os navios russos deixaram o porto de Lisboa em Outubro, mas, pouco depois, a esquadra de Palybin regressou ao Tejo e aí passou a primeira metade do ano de 1781. É depois disso, quando na Rússia o Conde de Ostermann é nomeado vice-chanceler do Império, que o Tratado de Neutralidade Armada volta a ser discutido. A Convenção entre Portugal e a Rússia virá a ser assinada em Petersburgo a 24 de Julho de 1782.

6. Papel pioneiro dos negociantes de vinho do Porto

Quanto às relações comerciais, começaram por ser tentadas em abordagens, aliás infrutíferas, dos embaixadores russos junto dos seus colegas portugueses em capitais como Londres, Copenhaga e Haia. Na falta de relações entre os dois países, as exportações de um e outro (sobretudo linhos, ferro e cereais, por parte da Rússia; vinho e sal, e produtos do continente de África e do Brasil, por parte de Portugal) faziam-se por intermédio de terceiros, com prejuízo manifesto para ambas as partes. Embora tentadas pela Rússia desde 1720, só depois de meados do século se viriam a concretizar expedições comerciais directas e nisso teve importância decisiva, além da insistência russa, a iniciativa de comerciantes portugueses ligados à exportação de vinhos.

Com efeito, em 1751 chegou a vir a Lisboa um enviado russo, o favorito de Catarina, S. Mesteherski, com proposta para um acordo comercial. Mas foi a viagem do comerciante português Manuel Pinto Paiva Garcês à Rússia, em 1755, a que verdadeiramente concretizou o início das relações comerciais directas. A viagem empreendida por Paiva Garcês tinha como objectivo colocar sobretudo os vinhos do Douro, mas também outros produtos, como sal, frutas (em especial citrinos), e géneros coloniais (açúcar, tabaco, cacau, pau-brasil, cravo-do-maranhão).

Refira-se que, em meados do século XVIII, aquando da grande crise do comércio do vinho do Porto, comércio então totalmente dominado pelos negociantes britânicos e dirigido quase integralmente para o

mercado inglês, surge o projecto de desenvolver a exportação directa desses vinhos para o Báltico. Nesse sentido, o comerciante biscainho estabelecido no Porto, Dom Bartolomeu Pancorbo tenta a criação de uma Companhia de Comércio dos Vinhos do Douro, privilegiando os mercados bálticos, Companhia essa a que estaria ligado Paiva Garcês. Realiza para o efeito diversos contactos com personalidades influentes nos meios de negócio e nas Cortes dos países do Norte da Europa. No entanto, a tentativa de Pancorbo sairá frustrada, por falta de capitais e porque, entretanto, a pressão da aristocracia vinhateira duriense irá jogar junto do todo-poderoso 1.º Ministro, Sebastião de Carvalho e Melo, na aplicação de um modelo de intervenção estatal mais de acordo com os princípios proteccionistas do mercantilismo, que viriam a consubstanciar-se na instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em 1756. A Companhia pombalina, dotada de grandes privilégios, viria, a partir de então, a dominar o sector vitícola nacional, gozando ainda de importantes exclusivos comerciais, como o da venda de vinhos no Porto e no Brasil, e estendendo a sua acção a outros domínios em particular no Porto e no Douro, como o da fiscalidade, a construção e conservação de estradas, a regularização do leito do rio Douro, a administração de instituições de ensino, como a Aula de Náutica, etc. A história da Companhia, apesar dos rios de tinta que fez correr, e de ter suscitado importantes estudos, como os do Eng.º Álvaro Moreira da Fonseca, está ainda em grande parte por fazer, se bem que exista um manancial arquivístico de vários milhares de livros e documentos dispersos, conservados como espólio privado da Real Companhia Velha. Aparentemente, as reservas que em Portugal se verificavam em 1756 relativamente ao projecto de Pancorbo de estabelecer o comércio directo de vinhos para os portos do Báltico relacionam-se com a consciência que então havia de que tal comércio facilmente «seria interrompido por aqueles em cujas mãos existia». Tais reservas parece terem deixado de existir em finais da década de 70, passando-se então a um período de intensos contactos, num processo liderado pela própria Companhia dos Vinhos. Apesar da insistência russa em estabelecer contactos directos e das múltiplas tentativas diplomáticas discretas, que envolveram embaixadores dos dois países noutras capitais, as dificuldades no estabelecimento de relações comerciais entre Portugal e a Rússia prendiam-se, antes de mais, com a hegemonia inglesa nos mares do Norte. Ora, a abertura nos finais dos anos 70 parece coincidir com uma conjuntura particularmente favorável a Portugal, decorrente dos problemas enfrentados pela Inglaterra na sequência da Revolução Americana (1776) e da Guerra da Independência (1775-1783). Posteriormente, o conflito franco-britânico, que dominou o cenário político europeu, a partir de

inícios da década de 90, virá também a favorecer Portugal. Será num contexto de prosperidade geral do comércio português que as relações directas entre os dois países se concretizarão.

7. Sucessos e vicissitudes da representação portuguesa

Se o ano de 1780 foi aquele que viu coroados de êxito os esforços de décadas para o estabelecimento de relações comerciais directas entre a Rússia e Portugal, nos anos imediatos virão ainda a registar-se, além da adesão ao Tratado da Neutralidade Armada, outros sucessos que contribuíram para a afirmação dessas relações. Nestes acontecimentos terão papel preponderante a Companhia e os negociantes do Porto ligados ao comércio do vinho.

Logo em 1781 a Companhia das Vinhas do Alto Douro instalou em Petersburgo uma Casa Portuguesa de Comércio, com o objectivo de ampliar o consumo imperial dos seus produtos e dos demais «destes Reinos, e suas Colónias, e muito principalmente de todas as nossas manufacturas». Para a administração dessa Casa foram nomeados José Pedro Celestino Velho, Henrique de Araújo Silva, Pedro Martins Gonçalves Júnior, todos do Porto, e Domingos Gonçalves Caldas, de Vila Nova de Gaia, autor de um dos relatórios que transcrevemos. A Casa Portuguesa de Comércio na Rússia denominou-se, por isso, inicialmente, «Velho, Araújo, Martins & Caldas», ficando reduzida aos três primeiros nomes, logo de seguida, já que Caldas pediria escusa do cargo.

Celestino Velho, Deputado da Junta da Companhia das Vinhas, viria a acumular as funções de administrador da Casa com as de Cônsul-Geral, nomeado nesse mesmo ano pelo governo de Lisboa.

O ano de 1782, em que doze navios portugueses demandaram o Báltico, trouxe consigo as melhores perspectivas para o comércio com a Rússia. Além da assinatura do Tratado de Neutralidade, o embaixador Horta Machado conseguiu instalar, em Maio, em Cronstadt um *Hospital dos Portugueses*, numa casa arrendada, com capacidade para oito camas. Para o mesmo porto foi nomeado, em Setembro, um expedidor dos navios portugueses, cujo primeiro titular foi Francisco José Pereira. E, em Dezembro, teria lugar no Consulado, uma reunião dos sete portugueses residentes em Petersburgo, para assentar os termos de um estatuto para uma Feitoria dos Negociantes Portugueses. Estiveram presentes o embaixador, o cônsul, o capelão (Frei Manuel do Espírito Santo), o secretário do embaixador (Francisco José de Oliveira) e mais três ligados à Casa de Comércio (Henrique de Araújo e Silva, Francisco José Pereira e Miguel Setaro). Este último era o Prático da Aula de

Náutica do Porto que, dois anos antes, viajara na polaca *S. Tomás* a Riga, autor de um dos relatórios que aqui publicamos. Tendo feito diversas viagens entre os dois países, Miguel Setaro será nomeado *agregado* à Casa de Comércio pela Companhia dos Vinhos, em 1784. Quase simultaneamente, foi nomeado também vice-cônsul de Portugal na Rússia. Dois anos depois, será portador a Lisboa de um contra-projecto russo ao Tratado de Amizade, Navegação e Comércio que, no ano seguinte, viria a ser assinado pelos dois países, o que mostra ter sido homem de confiança do embaixador.

Celestino Velho sentiu-se afrontado com as nomeações desse duplo adjunto dos seus cargos, o de administrador e o de cônsul, e passou a desencadear uma campanha que atingia simultaneamente Setaro e Horta Machado, acusando-os de irregularidades administrativas.

A situação acarretou um inquérito, solicitado ao ministro em Lisboa por Setaro. Na sequência desse inquérito, ao fim de dois anos, o ministro ordenou que a Casa de Comércio fosse reformada, com a retirada de Celestino Velho e a ascensão de Miguel Setaro ao cargo de Cônsul de Portugal e segundo administrador da Casa de Comércio, que passou a chamar-se «Araújo & Setaro». Entretanto, como atrás referimos, foi assinado em 1787 o Tratado de Amizade, Navegação e Comércio entre a Rússia e Portugal, validado para doze anos. Ratificado no ano seguinte (25 de Março), continha benefícios alfandegários mútuos e permissão para abertura de Consulados — em Portugal, além de Lisboa e Porto, em Viana, Setúbal, Madeira e Açores.

Mas o futuro destino dos dois homens, que se defrontaram nos lugares de cônsules e de administradores da Casa de Comércio, haveria de ser desfavorável a Setaro, que terminaria em falência da sua Casa em 1795.

Quanto a Celestino Velho, esse aprendeu a língua, casou com uma filha de ricos comerciantes de Petersburgo e envolveu-se de tal forma na sociedade russa que, em 1793, aproveitando uma ausência prolongada do embaixador português, chegou a ter a pretensão de ser nomeado ministro plenipotenciário na Rússia. Mas o governo de Lisboa atribuiu-lhe apenas o cargo mais honorífico de conselheiro, sob a designação de Comissário-Geral da Marinha, relativamente ao qual se queixava de nunca ter recebido instruções específicas. (Uma filha de José Pedro Celestino Velho virá a relacionar-se, entre 1811 e 1817, com o célebre poeta Puskin, arauto das novas ideias e expoente da literatura romântica na Rússia).

Os acontecimentos posteriores (Revolução Francesa, Guerra na Europa, Bloqueio Continental, Tratado Luso-Britânico de 1810, Invasão da Rússia e de Portugal pelas tropas napoleónicas, formação da Santa Aliança, etc.) irão provocar grandes transformações na carta política e na

estratégia das potências europeias. É natural que essas transformações tenham também afectado significativamente as relações entre a Rússia e Portugal, cujo estudo, neste período conturbado, está ainda por fazer. Mas, parece ter-se esvaído, após o entusiasmo e os sucessos dos anos 80, o dinamismo efémero da marinha mercante portuguesa. Como escreverá mais tarde o primeiro visconde de Vilarinho de S. Romão «o commercio da Rússia, que nos poderia ser de grande vantagem, tanto nos portos do Baltico, como naquelles que tinha e tem de novo esta Nação no Mar Negro, ficou logo ao nascer infezado, tacanho e tão marasmo, que nunca mais pôde erguer a cabeça... (GIRÃO, *Memoria historica e analytica sobre a Companhia dos Vinhos...*, 1833, p. 137).

Aliás, as exportações portuguesas para a Rússia, constituídas essencialmente por sal, algum vinho, citrinos, e açúcar brasileiro, baixaram significativamente na viragem do século, ao passo que os produtos da Rússia importados por Portugal (especialmente ferro, madeiras, cordames e trigo) atingiram montantes avultados. Em 1806, a Rússia era o segundo fornecedor de Portugal, a seguir à Inglaterra, figurando apenas em oitavo lugar na lista dois nossos principais mercados de exportação.

Balança de comércio de Portugal com a Rússia (em milhões de rs)

ANOS	EXPORTAÇÕES DE PORTUGAL PARA A RÚSSIA	IMPORTAÇÕES DA RÚSSIA POR PORTUGAL
1796	159	1644
1801	63	3376
1806	317	2385
1819	123	601

(Fonte: BALBI, Adrien, *Essai statistique sur le Royaume de Portugal...*, tomo I, Paris, 1822, p. 436 e 442 e segs.).

Para além do mais, este comércio seria em breve afectado pelos problemas gerais do comércio marítimo português e pela decadência da nossa marinha mercante, voltando-se à situação anterior a 1780, em que o nosso comércio com os portos do Báltico era realizado por negociantes estrangeiros e em navios estrangeiros.

Rio de Mouro/Porto, Julho de 1990

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- AZEVEDO, J. Lúcio de, *Épocas de Portugal Económico*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1947.
- BALBI, Adrien, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal...*, tomo I, Paris, Rey et Gravier Lib., 1822.
- BASTO, A. de Magalhães, *Dom Bartolomeu Pancorbo. O homem que deu a ideia para a fundação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», vol. XVI, fasc. 1-2, Porto, 1953.
- CARVALHO, Rómulo de, *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, Lisboa, Sá da Costa, 1979.
- FISHER, H. E. S., *De Methuen a Pombal. O comércio anglo-português de 1700 a 1770*, Lisboa, Gradiva, 1984.
- FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da, *A ideação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, Porto, Instituto do Vinho do Porto, 1955-1956.
- (FONSECA, Francisco Pereira Rebelo da), *Memoria sobre o Estado da Agricultura e Commercio do Alto Douro*, in *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo III, Lisboa, 1791, p. 73-153.
- GIRÃO, António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira, *Memoria historica e analytica sobre a Companhia dos Vinhos, denominada da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1833.
- GUIMARÃES, Gonçalves, *A Alfândega do Porto e o comércio entre a barra do Douro e os portos russos do Báltico em 1820*, comunicação ao IV.º Encontro de Historiadores Portugueses e Soviéticos, Porto, 1990.
- KAPLANOV, Rachid M., Entrevista na R.T.P.-1 (programa «Portugal sem Fim»), em 29 de Março e 19 de Abril de 1988.

MACEDO, Jorge Borges de, *Problemas de História da Indústria Portuguesa no século XVIII*. Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, 1963.

PEREIRA, Gaspar Martins, *O Douro—o vinho, a vinha e a região—de Pombal a João Franco*. Porto, CENPA, 1990.

ROUGLE, William, *As relações luso-russas através da imprensa do século XVIII*. Lisboa, Academia das Ciências, 1979.

ROUGLE, William, *António Manuel de Vieira na Corte Russa no Século XVIII*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

SIDERI, Sandro, *Comércio e Poder. Colonialismo informal nas relações anglo-portuguesas*. Lisboa, Cosmos, 1978.

SÁ, Victor de, *Ribeiro Sanches. Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se*, 2.^a ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

Um português influente na Corte de Pedro o Grande, «História», n.º 20, Lisboa, Pro-jornal, Junho/1980.

DOCUMENTO 1

**Noticias dos costumes da Corte de S.^{te} Petersbourg
e da Ilha de Cronstad no Imperio da Russia... ***

Fas-se-me indispensavel satisfazer com hum debil pranto do meu agradecimento as consideraveis obrigações de que me confesso devedor ao Senhor Leandro Anastacio de Carvalho Fonseca, como Meritissimo Secretario da Regia Companhia e Geral Administraçam d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, expondo-lhe com esta tão breve, como limittada discrição, os principaes uzos, trajes e mais costumes do Imperio Russiano, à qual, por determinaçam da mesma Regia Companhia, fuy por Aulista da Cruvetta Perola, que pella barra deste porto entrou no dia 12 do corrente mez de Setembro de 1780***: intercedendo porem ao mesmo Senhor me perdoe os deffeitos que a cada passo decorrem de meu apoucado engenho, e nesta prescriptos.

Entrando-se no canal de Petersburg, que se navega pello rumo de Este, se avistão algũas Ilhas povoadas, que se vão costeando thê se descobrir a Ilha de *Godestrate****, cuja está quazi no fim do canal; e da parte de Norte e Sul se avista terra firme.

* Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto, Reservados, *Colecção Importante*, tom. 2, f. 208-216. Título aposto no início do documento, com caligrafia diferente do restante texto: «1780 Noticias dos costumes da Corte de S.^{te} Petersbourg e da Ilha de Cronstad no Imperio da Russia. Participadas à Junta da Administração da Companhia Geral do Alto Douro por Antonio Joze Lopes Pereira, Praticante da Aula de Nautica, nomeado por esta para a viagem que por sua ordem fez ao porto da dita Corte a Corveta a Corveta Perola, com carga de vinhos e outros generos portuguezes por especulação. Sahiu deste porto em 3 de Mayo, chegou a Cronstad a 19 de Junho, sahiu deste porto em 29 de Julho, e entrou a barra deste porto em 12 de Setembro, tudo do anno de 1780».

** Texto acrescentado à margem, a par das últimas linhas do parágrafo anterior: «Tinha sahido do Porto a 3 de Mayo, chegado a S.^{te} Petersbourg a 19 de Junho, e sahido deste porto a 29 de Julho».

*** Entrelinhado, com caligrafia diferente: «Cromostat ou Cronstad».

1780.

Noticias

dos costumes da Corte de *Ste* Petersbourg e
da *Ma* de Cronstad, no Imperio da *Russia*:

Participadas a Junta da Administracão da Companhia
Geral do Alto Douro por Antonio Jac. Lopes Pereira, Prati-
cante da Aula de Nautica, nomeado por *Ma* para alliar com
que por sua ordem fez ao porto da dita Corte, a Corbeta Be-
rala, com carga de Vinhos, e outros generos Portuguezes por expulsaçõs.

Sahio deste Porto em 3 de Mayo, chegou a Cronstad
a 19 de Junho, sahio deste porto em 29 de Julho, entrou a
Barra deste Porto em 12 de Setembro, tudo do anno de 780.

Hũa legoa distante desta Ilha se acha fundiada hũa chalupa do registo da Alfandega, da qual vem hum Official a bordo de todas as embarcações que vão para aquelle porto e ahy dão fundo para serem registadas pello dito Official que, dipois de o fazer e reconhecer os passaportes e conhecimentos da carga, coze estas com hũa linha, e nella pendente hum sello de lacre em que estão sculpidas as armas da Imperatriz russiana, que são duas aguias unidas, e cada hũa com sua coroa na cabeça e outra maior no meio, tendo tambem a da parte senistra nos extremos dos pes hum globo terrestre e a da parte dextra hum cetro, cujo sello tambem poem nas escotilhas das embarcações. A este Official se dá algũa couza de offerta a que os russianos chamão presente.

Junta à mesma chalupa e surta neste sitio está hũa fragata armada, que hé da Imperatriz, da qual vem tambem hũm Official reconhecer os passaportes e dá tres folhas de papel em que impressas se achão as leis e estilo que devem observar as embarcações que vão fundar dentro do adique daquela Ilha; e a este Official se dá tambem a mencionada offerta, aliás recuza seguir viagem algũa embarcação.

Obtida esta licença, se mette a embarcação pelo interior do canal, em cujos lados se vem hũas bandeirinhas, que servem de demonstrar o pouco fundo que há de hua para outra parte. Logo se passa pello meio de duas fortalezas, que estão conjunctas á porta do adique em que se dá fundo, cujas são formadas de madeira groça e armadas de abundante artilharia de ferro e bronze.

Immediatamente chega hum escaler com os respectivos Officiaes da Alfandega, para vizitarem as embarcações e reconhe qser seus conhecimentos e mais despachos. Vem tambem outro escaler com Officiaes das ordens e hum Militar que fica a bordo para guarda, hindo logo os Cappitaens para darem a entrada ao General da Ilha, que hé inglez; e, chegando este a bordo, entrão as embarcações para dentro do adique, segurando-se estas a huns mourões de páo que estão estacados no meio do mesmo adique, onde tem logar entre as mais que lá se achão, vindo para bordo hum Guarda da Alfandega assistir à descarga.

Chegada que hé a embarcação a bordo [sic], nella se não accende mais luz, aliás são os Cappitaens multados em excessiva penna pecuniaria, pois para se fazer o que hé necessario para o sustento há hum grande armazem com sufficientes fugões cercados de agoa; cujo armazem hé formado de madeira com telhado de taboas, e dahy vay o sustento para bordo das embarcações de todas as Nações que ahy se achão.

Dentro deste mesmo adique se achão infinitas embarcações estrangeiras e, pello que dizem, portão ahy em cada anno mais de 800 de diferentes Reinos; tem mesmo hua separaçam para as embarcações russianas, por ser aquelle logar a Ribeira das Náos. Principia neste adique hum cerco de muralha feita de madeira desde o extremo da dita Ilha thé o meio della, e tem da parte do Sul tres portões: hum para entrarem e sahirem os navios mercantes, outro para as náos e fragatas, e o outro para a continua serventia dos escaleres que andão no serviço imperial. Tem a maior parte desta muralha artilharia cavalgada, cujas pessos, hũas de ferro, outras de bronze, são de 24 e 36 libras.

Disto esta Ilha da Côte da Russia quatro legoas, cujas tem de latitude, inquam [sic], tem de longitude hum rio [sic], que à mesma Corte vay ter, e por elle não podem hir para cima embarcações grandes por ter pouca agoa; e para a descarga destas estão actualmente muitas galiotas russianas que transportão as fazendas e mais cargas para a Côte. Na terra firme do Sul tem duas cidades piquenas e do Norte hũa villa. Às refferidas galiotas se paga de cada barcada 40, 50, ou 60 rubles (cujo valor logo direi), conforme as occaziões; as quais navegão com vento, e não remos, que se não uzão, por serem do feito das charruas, supposto que mais piquenas.

Hé a primeira frenteira desta Ilha hum grande Palacio, formado de tejollo, e dentro delle estão varias Aulas, em que se ensinão todas as artes liberaes, e estão as

escollas russianas, Grammaticas, d'Engenharia, Architectura, Academia, Muzica e Nautica; e neste mesmo Palacio assistem os que se applicão a estas, ou cada hũa destas sciencias, sendo o seu sustento e vestuario à custa da Imperatriz que deste Palacio tira os Officiaes para serviço do seu Imperio.

Há tambem outros Palacios de Officiaes Militares, Arcenaes da Contadoria do Imperio e tambem Caza do Despacho da Alfandega, onde vão os Capitaens de todas as embarcações dar ao manifesto tudo o que estas levão, de que se não excluem os mantimentos ou ainda algũa miudeza de pouca consideraçã, aliás se toma por pedido. As paredes das cazas são formadas de páos e as frinxas calafetadas, telhadas de taboas, mas sem sobrados; algũas há que os tem, porem de telha ou folha de ferro. Há também varios Palacios, cujos licerces são de pedra, paredes de tejolo e rebocadas com cal, e todas as janellas de vidraças. Há grande numero de lojas com fazendas de todas as qualidades, proprias e estrangeiras; quem porem nellas compra qualquer genero que seja o não pode levar para bordo, penna de se lhe tomar por perdido, sem que primeiro o despache pella Alfandega. Há nesta mesma Ilha hum Consul, que dá expediçam às descargas e cargas das embarcações que ahy portão. Há quatro Templos Russianos, dous com paredes de madeira, telhados de taboado, com torre, e nesta muito bons sinos; outra de Armenios; e outra, que chamão principal, hé de tejollo e telhada com folha de ferro. Dentro dellas se achão varias Imagens de Nosso Senhor Jezus Christo e de alguns Sanctos, porem tudo em paineis. Adorão muito a Deus Padre. Tem 3 quaresmas em cada anno, observando sempre a Religiao Grega Sysmatica, e contão mais 11 dias em cada mez. Nesta Ilha não há xafarizes e a agoa que se bebe hé do rio ou de algũa cisterna. Hé muito plana [?], sem algum ladrilho pellas ruas, sendo tudo terra; e para evitar o grande damno que cauza por isto a chuva se poem passadisos de taboas. Há grandes Arcenaes da Imperatriz onde se recolhem todos os petrexos das náos, fragatas e mais aprestos para a guerra; isto alem dos muitos Armazens em que se recolhem os taboados, mastros e couzas semelhantes. Há lojas com Mestres de todas as Officinas para o serviço publico. Na parte do Norte desta Ilha está hũa trincheira formada de páos e terra, com artharia de ferro.

Tem a mesma Ilha de longitude hũa legoa, de latitude meia, pouco mais ou menos.

Não há nella outra medida mais que hũa, a que chamão arxina, que tem tres palmos russianos e 4 dos nossos, por cuja arxina se mede todo o genero de fazenda. O maior pezo hé o a que chamão pude, que corresponde ao nosso de arroba; ella tem 40 libras russianas, a que chamão funte, que tem 14 onsas.

Assistem nesta Ilha muitos Senhores da Côrte e Officiaes maiores, que trajão de cazacas e espadins, bem penteados e com chapéos ao costume inglez, cujo tambem observão as Senhoras, como nesta Cidade se encontrão, andando a maior parte das pessoas desta qualidade em carrinhos a quatro e seis. Há dous regimentos, hum de garnadeiros, cujas fardas são bestes vermelhas, calção branco, de bottas, catanas á cinta, e na cabeça hũa couza ao modo de mitra encarnada e nella as armas da Imperatriz, sculpidas em latão, e são homens de agigantada prezença; o outro hé fardado de cazacas verdes com forro encarnado, de chapéo, e com catana á cinta; e estes são os que actualmente guarnesem a Ilha. A maior parte dos homens de negocio se adornão com hum sobretudo de panno de diferentes cores com muita roda de cinta para baixo, cabbello cortado, de chapeos, e barbas grandes; e tambem há outros de praça que trajão ao costume da Côrte, entre os quaes são muitos de diferentes Reinos, como de França, Hespanha, Inglaterra, Olanda, Suecia, Dinamarca e outras muitas partes. O traje das mulheres russianas, que nesta Ilha assistem, hé de saias de xita, roupinhas curtas e capuxas pretas à inglesa, huas com xinellas e outras de çapatos, seo toucado hé hum

lenço de varias cores atado na cabeça de forma que se não vê cabbello algum e deixando ficar os extremos das duas pontas, que ficão adiante [?] nellas; ou por baixo dellas poem hum papelão para lhe formar hũa trunfa alta e quadrada. Há grande numero de russianos que actualmente se occupão em couzas mais mechanicas e propias à sua inopsia [sic] e baixa esphêra; e estes tem as barbas grandes e o cabbello cortado de tras, e diante dos olhos, e os seus chapéos tem a copa da altura maior de palmo, a aba redonda, trazem sobretudoos com muita roda na cinta, sem botões ou cozas para elles, pois os cingem com faxas de driga de varias cores, e por baixo trazem só camiza, calças compridas, botas, e pagão para assim se tractarem em cada anno à Imperatriz hum tributto, pello que são izemptos do seu serviço; o que não acontese aos que fazem a barba e trajão como lhe parese, por que estão subgeitos a qualquer accidente.

No que respeita aos legumes e mantimentos são com abundancia, isto hé, bõa carne, tanto de gado como de sevado, galinhas, muito pão trigo e relão, peixe fresco e seco, muita cevolla verde, porem fructa de qualidade nenhũa, excepto a que vay de fóra, pouca couve e alface, ervilha verde e seca, muita sevada e abundante leite.

Há muito gado, carneiros e cabras; porem aquelle só serve para o sustento e não para serviço, pois este o fazem cabalos, que tem tanta força que cada hum conduz duas pipas cheias.

Ao dinheiro de prata, de maior valor chamão rublo tem 100 capiques e o valor de 4 xelins inglezes, cada hum dos quaes vale 180 reis., valendo assim o rublo 720. Há hum dinheiro de ouro que tem 10 rublos e vale 7200. O maior dinheiro de cobre são 5 capiques que vale pouco menos de 50 reis. Há também dinheiro de papel com varios sinais que corre como o mais dinheiro e há papel de 25, 50 e 100 rublos.

Noticia da Côrte da Russia

Entrando o rio desta Côrte de Petersburg, logo se devizão os grandes Armazens, em que se recolhem os balões de linho, cujos são formados de páos, com telhados de madeira e firmados em hum caes de madeira em sima d'agoa, onde se achão muitas embarcações com linho para a sua descarga. Pouco distante e acima está hũa ponte de madeira, firmada em barcas, e q'atravesa toda a largura do rio, e lhe chamão a Ponte do Norte; e na madrugada se abre hum coartil levadiço para na Alfandega serem registadas as embarcações que conduzem as cargas. Da parte do Sul se devizão muitos Palacios e grandes Armazens, onde tambem se recolhem linhos; tambem as Alfandegas que são dous Armazens com muito grandes sobrados e debaixo á roda delles muitos arcos; defronte fica hũa Igreja Russiana à beira do rio. Em hũa das ditas Alfandegas há hũa caza separada, onde à hũa hora da tarde de cada dia se ajuntão todos os homens da Praça e commersiantes, que entre sy ajustão as compras e vendas, e a esta caza chamão Bolça, que pellas 3 horas se feixa. Tem esta Alfandega hum grande terreno e à borda do rio hum grande caes formado de madeira, onde se atracão as galiottas e chalupas soecas e de outras Nações quando vão á descarga. No dicto terreno ficão de noite e dia as cargas, a saber, pipas de vinho, e agoa ardente, caixões de vidro, ferro, chumbo, louças grossas, garrafas, cortiças, e outros generos que não sofrem corrupção. As pipas se cobrem com esteiras e alternadamente se refrescão com bombas de agoa, estando actualmente guardas russianos. Nenhũa se despacha sem que princiro seja atestada para pagar os direitos; por este trafego tem todos os Officiaes da Alfandega seu prezente, isto he, ancoretas, frascos e garrafas cheias, alem do que bebem todos os que trabalhão, sem embargo do muito que se furta; e segundo furto há quando segunda vez se attestão as pipas para se venderem aos negociantes. Não só o vinho, mas agoa ardente

e azeite dá excessivo lucro nesta Côrte; porem hé superfluo o enviar para lá outro genero, pois de tudo há grande abundancia, porque todas as Nações para aly fazem grandes carregações. No meio do terreno juncto a esta Alfandega está hũa Academia e defronte grandes Palacios de dous sobrados onde estão as Contadorias do Imperio. Há muitas ruas largas e de hua legoa ou mais de compridas, ladrilhadas de seixo miudo, e hé costume o regarem-nas pello Verão com bombas; há grandes cazas e Palacios com rico e vistozo ornatto. Há muitas Igrejas Russianas em que se observa o rito já refferido e perparadas com magnifica pompa, tem pia baptismal, não altares, nem imagens incorporadas, mas tudo em paineis, bons paramentos que imitão os nossos. Há tambem hũa Capella Romana, em que se fazem cada dia tres Sacrificios por Frades alemões, a cujos vão assistir todos os Catholicos Romanos; juncto a esta Cappella se anda fazendo outro Templo, cujas paredes são de tejollo. Há também Frades russianos, a que elles chamão Papistas, e estes não tem coroa, mas os cabbellos soltos e estendidos pellas costas, barbas grandes, vestidos ao modo de tunicas de panno roxo. Há hum convento de Frades, cujos habitos são pretos, mangas compridas, como as dos Benedictinos, sem coroa, e trazem na cabeça hũa gorra com a cauda estendida pellas costas; dizem haver tambem convento de freiras.

Há nesta Côrte grande numero de gente que, se me não enganno, excede o da de Lisboa duas ou tres partes; amiudados Palacios; em partes a divide o rio, e por hũa e outra parte caes de pedra de cantaria, com barandas de ferro.

O Palacio da Imperatriz hé admiravel não só pella grandeza, mas por seu ornatto; elle hé quadrado, tem tres sobrados bem formados e de agradável prespectiva, varandas e janellas de sacadas, guarnecidas de vidraças, e muitas figuras com varias insignias do Imperio, hé telhado de cobre, cercado todo de lampiões que à noite accendem os guardas, o que tambem há em todas as ruas da cidade; pella parte do Oeste deste Palacio passa hum braço de rio largo, e defronte hũa grande Fortaleza, e no meio desta hũa grande e dourada torre; neste rio estão actualmente cinco vergantins bem perparados e dourados e tambem hũa galera de tres mastros, cujas embarcações são do Estado da Imperatriz que delles se serve quando com toda a Côrte vay divertir-se aos recreios que tem pello rio acima. Logo juncta fica a Ribeira das Nãos, onde se fabricão as fragatas, e está tambem hum Palacio do Terem Real. Logo tambem está hũa grande ponte de madeira, firmada em cima de barcas, e lhe chamão a ponte de Leste, e por ella passão carrinhos, berlindas e coxes, pois cavem 3 a par. Proxima a esta ponte está hũa grande rua no interior da cidade, em que se achão as lojas e cazas de negocio de grande concideraçam e nellas tudo o que se pôde dezejar, o que para ahy vay dos Reinos estrangeiros, principalmente de França e Inglaterra.

Há nesta Côrte 20 Regimentos, 12 de Infantes e 8 de Cavalaria, e elles se compoem de homens de honroza prezença e figura; suas fardas são de diversas cores e correspondentes ao logar que exercitão. Os homens da praça trajão com aceio e uzão pouco do espadim por andarem de ordinario em carrinho ou coxe a 6 e 8, conforme as suas possibilidades; trazem seus criados bem fardados e a maior parte delles são russianos, por haver delles grande abundancia, e todos tem as barbas grandes.

As senhoras trajão de vestidos inteiros á ingleza, toucados de volantes, e uzão muito de donarios; e as commúas trajão de saias e roupas de xitas, capuxas pretas, e por toucado o lenço, na forma já refferida.

Há todas as qualidades de officios arruados, e tambem armazens de louças vidradas, mantimentos e mais legumes, tudo com muita grandeza e abundancia. Há recreios de quintas, a que os russianos chamão Campanhas; e eu vy a do Principe deste Imperio, a qual certamente hé muito agradável, e o de que mais me recordo hé o ser cercada de grades de ferro grossas, com muitas ruas e passeios de sombras com repuxos

Ordem Imperial, pois o limitado tempo de
oito dias, q' em observar estes não consumo,
ainda q' não completo, me não des mais
Lugar p.^a cabaloz. motivo equante he

D. N. R.

Com mais attento, esty^{mo} criado

Antonio Jose Lopes Pereira

pello meio. Tem hum viveiro de peixes e outro de passaros, tem pellas ruas do passeio muitas figuras de marmore branco, tem alpendres para jogo, mas não tem qualidade algũa de flor, murta ou arboreas fructiferas, e as que tem, supposto que infructiferas, são vistosas e engracção muito pella ideia com que estão dispostas. Este jardim, ou Campanha, sempre está aberto para todos os Fidalgos da Côrte e pessoas mais qualificadas que a ella se querem hir divertir, e nelle a cada passo se encontra a Nobreza da terra.

Hé finalmente este Paiz muito abundante de trigos, gado, ferro, linho e outras mais couzas semelhantes que não excedem porem ao nosso; e elle promette ser em menos de hum seculo o mais ostentozo e poderozo Paiz e Imperio do Norte; elle confina com varias terras do Turco, a quem tem dado inconsideraveis damnos e combates e uzurpado muitas praças.

Hé o que sómente posso expor a Vossa Mercê acerca deste poderozo Imperio, pois o limittado tempo de oito dias, que em observar estes uzos consumi, ainda que não complettos, me não deo mais logar para cabalmente mostrar o quanto hé

De V. M.

O mais attento e obg.^{mo} criado

Antonio Joze Lopes Pereira

DOCUMENTO 2

Derrota e noticias da viagem que fez a Riga, capital da Livonia, Imperio da Russia, a Polaca Santo Thomas*

Descrição da viagem qu'eu Miguel Setáro fiz a Riga, capital da Livonia, Imperio da Russia, com occupação de Praticante da Nautica, em a Polaca São Tomas, de que he Capitão Nicolao dos Santos e donnos Pedro e Arnaldo Van Zeller desta cidade, com dez pessoas de equipagem, carregada com vinhos, agoas ardentes e fruta, por conta dos Illustrissimos Senhores Provedor e Deputados da Companhia Geral do Alto Douro, de que o Capitão asignou conhecimentos a

* Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto. Reservados. *Colecção Importante*, tom. 2, f. 222-230. Título aposto no inicio do documento, com caligrafia diferente à do restante texto: «*Derrota e noticias da viagem que fez a Riga, capital da Livonia, Imperio da Russia, a Polaca Santo Thomas, sendo seu Capitão Nicolao dos Santos, e Proprietários Pedro, e Arnaldo Vanzeler, com carga de vinhos, agoas ardentes e fruta, por conta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, fretada e mandada por especulação pela Junta da Administração da mesma Companhia. Sahindo deste porto em 2 de Junho, chegando à costa de Riga com 31 dias de viagem em 2 de Julho, sahindo della em 16 d' Agosto, e entrando neste porto com 81 dias de viagem em 5 de Novembro de 1780.*»

entregar aos Senhores Christiano Henrique Wohrman e João Baltazar Browhoun, ambos de nação alemán.

Porto, 2 de Junho de 1780

Pelas 6 horas de manhan principiámos a levar ancora para passarmos o baixo do Ouro, estando na Barra às quatro e meia, conduzidos pelo Piloto dela João Ferreira, com vento Sudueste, navegando pelo Nor-Norueste da agulha, fazendo verdadeiro caminho de Norueste do Mundo. No dia seguinte de tarde avistamos duas cotas inglezas, porem com bandeiras americanas, hũa das quais nos fez hir a seu bordo, mas examinando passaportes e conhecimentos nos deixarão recolher para nosso bordo, e no dia 6, e 5 de viagem, nos aconteceu o mesmo com hum corsario de Liverpool.

No dia 7 do mes, e 6 de viagem, avistamos seis embarçaçoens, hũa das quais era não de 2 pontes e meia; a esta falamos ao meyo dia, hora ingleza, e segundo o rumo que levava com vento à popa hia para a America. No dia 13, e 12 de viagem, às 4 e 1/2 da manhan, avistamos Cabo Lizard, que às 10 demarqueei, e me demorava ao Norte quarta de Nordeste com 5 legoas de distancia, e no dia seguinte avistamos a Ilha White, que tãobem ao meyo dia demarqueei, e me demorava ao Norte com 3 legoas de distancia. No dia 15, e 14 de viagem, às 4 e 1/2 da manhan, avistamos o Castelo de Dover, que às 7 demarqueei, e me demorava ao Norte, com distancia de hũa milha, e às 9 passamos o baixo das Dunas, em companhia de 17 embarçaçoens, a hũa das quais, que hera dinamarqueza, pedimos conversar [no texto: *conservar*]. O seu Capitão veyo a nosso bordo na tarde do dia 18 e depois de obsequialo do melhor modo que nos foi possivel lhe pedimos nos desse algum de seus marinheiros que fosse pratico da costa da Noruega, o que elle com efeito fez, e ajustamos por dois guineas, com obrigação de nos deixar em Elsenor.

No dia seguinte ao meio dia avistamos terra da Noruega e logo immediatamente veyo a nosso bordo hum Piloto para ver se queriamos entrar em algum daqueles portos, a esperar por vento Norueste, pois com o que traziamos, que hera Sueste, não podiamos montar a ponta de Schagen ou Kategata. Aceitamos o piloto, que ajustamos por guinea e meyo, não só por essa razão, mas tãobem porque as agoas corrião muito para o Norte e suas correntezas nos podião levar a Leste dos Nazes da Noruega e depois não podermos montar nem estes nem a ponta de Schagen. Principiámos logo a mariar e entrando por entre pedras e montes fomos dar fundo junto aos de Koc e Kalf, em hũa excelente ensiada adonde dão fundo os navios ao pé das cazas, amarrando-se com viradores para a terra sem poderem ser offendidos de vento algum, pois todas as pedras e montes que sercão esta ensiada são mais altos que a mastriação de qualquer não. Tambem aqui se fazem e concertão navios: estava hum excelente bergantin no estaleiro e duas xarruas a concertar. A povoação he piquena e os seus habitantes são carpinteiros ou pescadores; estes quasi todos são pilotos daqueles portos e tem hum Mestre que aprova ou reprova a sua capacidade; não podem levar mais por meter hum navio dentro do que o estipulado pelo mesmo Mestre, segundo os pez de agoa que demanda a embarcação; tanto que tendo nós ajustado com o piloto para nos recolher e levar outra vez fora guinea e meio o Mestre lhe mandou dar só 27 shilings.

Offereceu-a à mesma Junta Miguel Setaro, Praticante da Aula de Nauticia [sic], nomeado para a mesma viagem pela sobredita Junta, com quatro retratos do vistorio russo [Os retratos, a que o texto se refere, não aparecem no manuscrito do Ateneu], em a sessão de 28 de Novembro dito».

1780

Derrota, e noticias
da
Viagem que fez
a
Riga
Capital da Livonia Imperio da
Rusia

A Bolaca Santo Thomas sendo seu Capitão Nicolao dos Santos, e Proprietarios Pedro e Arnaldo Passalor, com carga de Vinhos, Aguardentes, e Frutas, por conta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, foytada, emendada, por especulacao pela Junta da Administracao da mesma Companhia: sahindo deste Porto em 2 de Junho; chegando a costa de Riga com 31 dias de viagem em 2 de Julho; sahindo de ella em 16 de Agosto; e chegando neste Porto com 81 dias de viagem em 5 de Novembro de 1780.

Offereceu a mesma Junta Miguel Setzer, Praticante da Aula de Nautica, remedio para a mesma Viagem pela febre dita Junta, com quatro contratos do Portuario Russos em a Suma de 28 de Novembro dito.

Na costa da Noruega quazi sempre correm as agoas para o Norte principalmente quando venta ou tem ventado Sueste, Sudueste, ou Sul; porem quando qualquer navio se chega aquella costa e se quer recolher não tem mais do que dar fogo a hua pessa e largar bandeira, pois os Pilotos são obrigados a recolhe-los e so se exzentão disto quando o mar está tão alto que lhe pode virar as embarcaçoens em que elles andão.

Meya milha a Leste está a cidade de Mandal. Fomos a ella e procuramos ao Consul inglez Mr. Friderick Giertsen para que no cazo de carecermos de algum dinheiro para pagar ao Piloto ou outra qualquer despeza elle nos acistir com elle, ao que respondeo estava prompto para nos acistir com tudo o que nos fosse necessario. Esta cidade he sugeita ao Rey de Dinamarca, assim como toda aquella costa, os seus habitantes serão oito centos, a sua religião he luterana, porem muitos devotos, e os seus costumes não são máos. A gente particular traja à franceza, as mulheres ordinarias sugeitão-se a todo o trabalho como he remar em botes, carregar às costas, etc. As cazas são feitas de madeira, porem bem construhidas e aciadas. O seu comercio he pouco e o unico genero em que negociação he madeira. Estivemos aqui tres dias e no ultimo às duas horas da tarde nos fizemos à vela com vento Norueste levando-nos o Piloto por diferentes canaes do que aqueles por donde tinhamos entrado, o que me parece maxima para que ninguem ali possa entrar sem aqueles Pilotos, para em tempo de guerra não serem por ali atacados, nem se recolherem Armadas em aquelas ensiadas, o que me parece não poderão fazer independentes daqueles Pilotos. Às 9 horas do dia 25, e 24 de viagem, avistamos a Ilha de Anholt e às 2 da tarde Cabo Kullen que por não podermos montar nos fizemos na volta do mar até o dia seguinte às 2 da manhan que procuramos outra ves a terra, montando-a com a infelecidade de pegar em o baixo que está quazi defronte da fortaleza de Elsenor; demos fogo a duas pessos e colhemos bandeira, ao que acudio hum bote com duas pessoas e nos dicerão ninguem mais acudiria sem hir gente a terra buscar e ajustar o que fosse necessario. Embarquei neste bote e fui a terra e emquanto estava ajustando húa barca para hir a bordo e descarregar algũa couza nela, afim de aliviar a embarcação, me vierão dizer estava ja livre do baixo, depois de abater-se a agoada que vinha no conves e botar-se a lancha fora; tornei outra vez para bordo e demos fundo defronte de húa fragata ingleza de 36, que esperava pelos navios do Baltico.

Logo que demos fundo fomos o Cappitam e eu à terra a entregar as cartas que traziamos para Mess. Van Deurs e C.^a para nos procurarem pratico para nos acompanhar até Riga, o que elles logo immediatamente fizerão, ficando nesse mesmo dia, não obstante ser Domingo, promptos para seguir viagem, o que fizemos no dia seguinte às 2 da tarde com vento Norueste e Piloto del Rey para passarmos as boyas de Copenhagem. Às 4 estavamos com a Ilha de Wun, às 5 e 1/2 com as boyas, de que ficamos desembaraçados as 8 e 3/4, e o piloto delas em a Ilha de Drako. Passamos 3 legoas distante de Copenhagem, avistando-se oito grandes torres, que mostrvão ser no interior da cidade, sinco náos e dez fragatas de guerra e bastantes navios mercantes:

No dia seguinte avistamos a Ilha de Bornholm e às 7 da noute demorava ao Norueste com 3 legoas de distancia.

No dia 30, e 29 de viagem, avistamos terra da costa de Curland, que não montamos senão no dia seguinte de manhan pelo vento ser escaço, passando às 6 da noute o baixo de Dwalgundes, encontrando a ponte de Domenis. No dia 2 de Julho, e 31 de viagem, pelas 3 e 1/2 da manhan avistamos a terra de Boldera, cituada na foz do rio Dwina, e 3 torres de Riga, e às 8 demos fundo em a mesma costa, adonde costumão ficar os navios que demandão mais agoa do que aquela que tem a entrada da barra do mesmo rio, que este anno erão oito pez. Aquí descarregão e carregão enteiramente os navios grandes, e outros costumão descarregar athe ficar na agoa da barra e depois vão

acabar a sua descarga em Riga, que dista dahi 2 legoas pelo rio acima, atracados a hũa grande e forte ponte de páo que atravessa o mesmo rio, sem aqui poderem ser offendidos de temporaes; porem os que estão na costa, ou por outro nome em a Rode, lhes são necessarias boas amarras e ancoras, por que aqui açoutão os temporaes como no mar largo. O anno passado ali deo à costa hum navio inglez e este anno em o mez de Junho desalvorarão varios outros, sendo o mais offendido delles hũa fragata sueca que para escapar do naufragio lhe foi necessario picar os mastros.

Logo que demos fundo o Capitão e eu fomos a Boldena dar entrada em hũa piquena Alfandega que ali ha, em a qual se maniffesta a carga, mantimentos e sobrecelentes do navio, com a mayor miudeza (sem ser necessario dar outra ves entrada na Alfandega de Riga) depois do que, e de hirmos a Riga entregar cartas e ordens, descarregamos tres barcas de pipas e fruta, para ficar na agoa da barra, que passamos com Piloto dela; porem antes de chegarmos à ponte em hum baixo que fica perto dela adonde descarregamos mais duas barcas e atracando à ponte acabamos de descarregar.

Aqui mesmo carregamos 28 baloens de linho canhamo e o resto carregamos na Rode, adonde estivemos até o dia 16 de Agosto, que principiamos a levar ancora às 5 da manhan, com vento Leste, fazendo caminho de Nordeste quarta de Leste da agulha, e verdadeiro do mundo Nordeste quarta do Norte.

Breve descripção de Riga e seu Comercio

Riga, capital da Livonia, Imperio da Russia, cituada em a latitude do Norte de 57 gr. e 4 metros e longitude de Leste de 25 gr. e 15 metros, sobre hũa grande planice à margem do rio Dwvina distante duas legoas da foz do mesmo rio que se lança em o Mar Baltico. Era cidade ansiatica. Gustavo Adolfo Rey de Suecia a tomou aos polonezes, no reynado de Agosto 2.º, em o anno de 1621; estes intentarão em vão recupera-la em 1622, e sendo depois citiado por Pedro, o Grande, em 1656, foy tãobem constringido a levar o citio; mas depois a tomou em 1710, em o reynado de Carlos 12, com perca de mais de secenta mil homens, concedendo aos cidadãoes honrozias capitulaçoens e privilegios que ainda hoje conservão. He murada em roda e defendida por varios fortes e entrincheiramentos, guarnecidos com 150 canhoens e bombardeiras, cercados com dois foços de agoa com pontes levadissas que se fechão à noute; a sua guarnição actual he 2500 homens, hum General Comandante, e outro de Artilheria, este de nação sueca e aquele irlandez, e dois Regimentos de Cavalaria Auxiliari.

O Governo politico da cidade está emcarregado a dois Ministros. Tem hum Arcebispo, que foy secularizado em 1666, 4 Igrejas Luteranas, 1 Calvenista, 1 Catholica Romana e 4 Russianas ou Gregas Scismaticas.

O seu porto he muito frequentado de navios estrangeiros, o seu comercio he prodigioso, principalmente em linhos canhamos, alcatrão, mastros, amarras, lonas, brins, trigo e senteyo, de cujos efeitos carregarão o anno passado 730 navios para diversos portos da Europa e no anno de 1774 se carregarão 1025.

O genero de mayor utilidade que ali se importa he o sal e com preferencia para a venda o de Setubal e muito milhor quando ali chega em o mes de Mayo de que vão carregados a mayor parte dos navios que vão buscar os efeitos do Paiz; vão tãobem muitos carregados com vinhos e agoardentes de França, Espanha e Danzick, e das manufacturas de Hamburgo, Holanda e de Inglaterra, de que se paga de direitos na Alfandega de Riga 12 por cento pouco mais ou menos.

Os negociantes aqui estabalecidos são inglezes, holandezes, suecos, dinamarquezes e alemaens, a mayor parte, e sendo estes protestantes ou luteranos logrão mais alguns privilegios.

quasi nos carregou tal tormenta com vento.
Ossudueste, q' nos obrigou a alisar a Sal-
mouth, adonde estivemos doze dias até'o
dia 28, em q' nos fiximos á vela com vento
Nor-Nord-este; e em 4 de Novembro ás 6
horas da manhã avistamos Lianna,
e ás 10 abarrado Porto, q' entramos no
dia seg' com 8 dias de viagem desde a
Saída de Riga á entrada de este Porto

Niquel Stano

Este anno não forão àquele porto senão dois navios portuguezes, dos quais hũ he a presente polaca, e outro a fragata de Hermano Cremer Van Zeller, de Lisboa, por nome Nossa Senhora da Arrabida e S. Francisco Xavier, de que he Capitão Francisco Antonio Gomes, carregada com mil moyos de sal que vendeo Mess.^r Blanckenhgen e Comp.^a, seu consignatario a 32 dolors de Holanda por lastro, advertindo que 4 moyos de Lisboa fazem 1 lastro, de que se paga de direitos na Alfandega de Riga 5 dolors e 57 1/2 groxas, igual a 4\$600.

Extracto dos preços por que se vendem os generos abaixo

Generos	Preços	Direitos
Vinho branco e vinho tinto	de 45 a 50 dolors por pipa	13 dolors por pipa
Agoardente	50 dolors por pipa	11 1/4 dolors por pipa
Azeite	Vendese a pezo, porem vem sahir o almude a 5 1/4 dolors	11 por 100 do preço corrente
Sal de Lisboa	32 dolors por lastro	5 dolors e 57 groxas
Cafe	5 £ por 1 dolor	25 por cento
Assucar	4 £ the 5 por 1 dolor	12 por 100
Arros	6 1/2 dolor por 100... [?]	

Em o dia 16 de Agosto principiamos a levar ancora, como acima fica dito, às 5 da manhã, com vento Leste, fazendo caminho na agulha de Nordeste quarta de Leste, e verdadeiro do mundo Nordeste quarta do Norte, vindo avistando as mesmas Ilhas e terras que na hida para la, sendo a de Copenhagen às 2 da tarde do dia 21, recebendo às 6 o Piloto del Rey, que largamos às 8 1/2, depois de passarmos as boyas, dando fundo em Elsenor no dia seguinte às 9 e 1/2 da manhan e ficando prompts para seguir viagem no mesmo dia, o que so fizemos no dia 31 com vento Oeste; porem fomos obrigados a arribar outra ves por não podermos montar cabo Kullen, vindo a ficar no dia seguinte com Kategata, adonde estivemos bordejando 7 dias, sem podermos montar a ponta. No dia 4 de Outubro, com 50 dias de viagem, avistamos Cabo de Orugal, aqui estivemos athe o dia seguinte que avistamos hum corsario americano, mostrando-nos [no texto: *mantrando-nos*] bandeira ingleza, por nome Pelegrin, do Capitão Joseph Robison; botou o seu bote fora e nele nos mandou hir a seu bordo, deixando ficar no nosso hum Tenente; examinou os papeis e não lhe achando duvida nenhuma deixou-nos recolher outra ves ao nosso bordo, obrigando-nos porem a trazer seis passageiros, a saber, 2 capitaens, hum dos quais tinha sahado deste porto, carregado de linhos e fruta, para Scily, e o segundo vinha da pesca do esparmazete da costa do Brazil, e os outros quatro marinheiros.

Ahi estivemos 8 dias em o fim dos quais nos carregou tal tormenta com vento Oes-Sudueste que nos obrigou a arribar a Falmouth, adonde estivemos doze dias athe o dia 28, em que nos fizemos à vela com vento Nor-Nordeste, e em 4 de Novembro às 6 horas da manhan avistamos Vianna e às 10 a barra do Porto que entramos no dia seguinte com 81 dias de viagem desde a sahida de Riga à entrada deste porto.

Miguel Setáro

DOCUMENTO 3

Reflexoens sobre o Comercio da Russia *

A experiencia tem mostrado que o comercio da Russia tem sido de summa utilidade às nasçoens do Meyo dia da Europa. A Hespanha se não tem arrependido athé agora de ter posto em execução hũ plano de comercio direito entre a sua Nasção e aquele Imperio. Todo o Mundo instruido sabe o prodigiozo comercio que os Francezes fazem para a Russia. Eramos noz só os Portuguezes que não conheciamos aquelle cannal para extrahirmos por elle as nossas mercadorias e pruduçoens. Os Holandezes e mais Nasçoens do Norte, conhecendo-o melhor que nós, se tinham apoderado delle e tiravão para si todas as utilidades de que a nossa timida cegueira nos privava. Mas devia chegar hũ tempo em que mais instruhidos dos nossos proprios intereces cuidassemos em nos atrebuir aquellas utilidades que tinhamos abandonado às outras Nasçoens comerciantes e que seguicemos o exemplo daquellas que principiavão a colher o fruto das suas especulaçoens. Este tempo estava destinado para ser aquelle que procurace à Illuminadissima Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro a gloria de fazer grandes entreprezas, e de mostrar hũ novo zello pello bem da Patria, e tanto mayor quanto elle hé só o que faz os grandes Imperios ricos e florescentes.

O dezejo de ver augmentado cada vez mais o nosso comercio, baze a mais principal do Poder de hum Estado, e o gosto com que vi e vejo partir para Petersburgo os meus compatriotas, que vencendo todos os prejuizos de que vivião illudidos vão buscar o capital do mais grande Imperio que ha na Terra e conduzir-lhe as produçoens do clima feliz de Portugal, me fáz escrever algumas reflexoens sobre o comercio direito entre o nosso Reino e este Paiz, as quaes suposto que não são bastantemente profundas, visto o pouco tempo que tive de rezidencia naquella Corte, podem contudo ao menos servir de principios para sobre elles se poderem formar mais solidos juizos. Feliz eu serei se entre algumas coizas que aqui escrevo se achar alguma que seja util, e ainda mais feliz se estas minhas reflexoens servirem de Luz a todos os que quizerem intentar novas intreprizas nesta vasta carreira mercantil.

* Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto. Reservados. *Colecção de raridades para a Historia do Porto e da Companhia do Alto Douro, tom. 4, f. 212-218vs.* Nota aposta no início do documento, à margem, com caligrafia diferente à do restante texto: «Esta obra hé de Domingos Gonçalves Caldas natural e morador em Vila Nova de Gaya, que havia hido por Aulista no navio S. Lourenço desta Companhia a S. Petersbourg com o Capittam Baltazar Felix no anno de 1780, e por arribar a Ostend entrou neste porto em 1781. Dedicou-a à Junta com carta que foi recebida em 31 de Julho de 1781. A resposta acha-se no Copiador de varias a ff. 238 v.».

Esta obra he de Dom. Reflexões sobre o Comercio da Russia.

por Goncalves Caldas natural emporador em Li-

La obra de Gaya, 19 ha. *Experiencia com mostrado, que o Comercio da*
 via hio por *Russia tem sido de summa utilidade, os Navegans*
 Navio S. Lourenço de *correndo alhe agora, de ter posto em execução*
 ta Comp. a. *hu plano de Com. direito entre asias Naveas e aque-*
 bourg com o *am. Religiozo Com. q' os Franceses fazem p. a Russia). E*
 tizar *sa mos na se os Portuguezes, q' não conheciamos a*
 Felax *quelle carnal, p. extrahir mos por elle as nossas*
 b. 80, e por archera *Mercaderias, e produccoes. Os Holandezes, e*
 tend entrou neste porto *mais Naveos do Norte, conhecendo o melhor q'*
 em by 81. *ria se tãpão apoderado delle, e tiravão para si*
 a Junta com Casta *lotas as utilidades, de que a nossa timida e quic-*
 foi occedida em *na nos privava; Mas devia chegar hu tempo, em*
 cullto de by 81. *q' mais instruidos dos nossos proprios interesse,*
 porta achase no *cuissamos em nos attribuir aquehã utilidade,*
 dor de varias q *que tãha-mos abandonado às outras Naveos e*
 2384 *merciantes, e q' seguic-mos o exemplo daquelle,*
 que principiaão a *que principiaão a colher o fruto das suas especu-*
 lacoe. Este tempo estava *lacoe. Este tempo estava destinado p. ser a*
 quelle, q' procura *quelle, q' procura a Iluminatiõna Junta de*
 Companhia Geral *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do*
 Alto Douro, a gloria *Alto Douro, a gloria de fazer grandes entrepre-*
 zas, e de mostrar *zas, e de mostrar hu novo zello pelo bem da Pa-*
 tria; tanto maior, *tria; tanto maior, quanto elle hi-se q' fez*
 os grandes Imperios *os grandes Imperios ricos, e florecentes.*
 O desejo de ver *O desejo de ver augmentado cada vez mai*
 onoso Com. *onoso Com. base a mais principal do Poder de*
 hum Estado, cogito *hum Estado, cogito com q' vi, eujo, partir p. a*
 Petersburgo *Petersburgo Francez Comptancia, q' vonecdo*
 todos os prejuizos *todos os prejuizos de q' viviaõs illudidos, vã*
 buscar o capital *buscar o capital do mais lo Imperio q' ha*
 na Terra, e condor *na Terra, e condor the as produccoes,*
 felax de Portugal, *felax de Portugal, me faz escrever alguns*

O commercio da Russia pode-se olhar como de summa importancia para Portugal e sobre dous pontos de vista differentes. O primeiro, enquanto nos procura hua nova exportação aos nossos generos. O sigundo, emquanto nos facelita os meyoys de exportarmos as produçoens daquelle Imperio directamente aos nossos portos, producsoens que nos são indispensaveis. Estes dous differentes pontos de vista vão dar ao fim commum de hũ commercio de commutação que hé o mais util que conhecem as Nacoens commerciantes.

Huma Nasção que tem Marinha de Guerra e hua Marinha Mercante não pode dispensar-se de procurar ter hũ commercio com todas as Nascoens do Norte. O clima dá a estas Nascoens as producsoens necessarias para a construsão e preparo dos navios, producsoens que a doçura do ar que respiramos em Portugal nos nega absolutamente. Esta nececidade e esta dependencia nos deve despertar para procurarmos estabelecer hua correspondencia solida naquelle Imperio do qual tiramos Generos que nos são quazi da primeira nececidade. As produçoens de Portugal que pode introduzir na Russia (se exceptuarmos o Vinho) são mais de luxo que de pura nececidade; assim parece que noz somos nececitados a fazer este commercio. Os meyoys de o fazer menos onerozo deve ser todo o objecto das nossas especulaçoens.

O ferro, o canhamo, o linho, os mastos, lonas para vellas e as enxarcias são generos de summa importancia para Portugal e que os Holandezes transportavão nos seus navios para os portos deste Reino. Ninguém pode dovidar que estes generos transportados nos nossos navios nos deixarão mais lucro. Os fretes ficarão entre nós, as mercadorias serão talvez melhores e compradas por preços mais baratos, os marinheiros se formão ao conhecimento de todos os mares da Europa. De tudo isto não pode rezultar mais do que a decadencia da cabotage estrangeira e hũ augmento da abundancia Nacional.

O commercio da Russia fazendo-se muito differentemente do que se não faz entre as outras Nascoens da Europa requer que os negociantes Portuguezes que intentarem fazer este commercio, procurem ter ali Conrespondentes de grande confiança para executarem as ordens que reseberem de Portugal, ajustarem as mercadorias e examinarem actentamente que nas compras não haja fraude ou dolo, que he frequente em hua Nasção que ignora ainda a booa fé que deve substistir entre os contractos mercantiz. Todos os dias a experiencia faz ver que os Russos são capazes de enganarem, e quando se não tem hũ conhecimento mais perfeito do character da Nasção estes enganos são por assim dizer infalveis. Hũa Caza que a Hespanha ali estabeleceo há annos passou por esta triste experiencia; e qualquer outra que for de hũ outro Paiz sofrerá o mesmo inconveniente.

A mayor parte dos negociantes que há em Petersburgo são Inglezes ou Alemaens. Estas duas Nascoens oppostas pellos intereces da conveniencia e pellos estimulos da inveja vivem quazi em hua guerra declarada. Os Inglezes, mais fortes em cabedaes e mais intrepidos nas especulascoens do commercio, fazem hu negocio immenso. Os Alemaens, sem fundos e sem concideração, apenas se restringem a hũ commercio de commição, mais seguro para elles mas menos concideravel para a Nasção que o faz.

Desta dezigualdade de intereces e de cituasoens rezulta que os Allemaens se lemitão a comprar e a vender por conta de seus constetuintes e os Inglezes se estendem a intentar emprezas e especulaçoens por sua propria conta. A connexão que os Inglezes devem ter com os negociantes nacionaes e os conhecimentos locaes que esta connexão lhes deve procurar parece clara pello modo diverso que tem de fazerem o seu negocio.

Daqui se vê que a relação que devia haver entre os Portuguezes e os Inglezes estabelecidos na Russia devia ser mais intima do que a que se podia estabelecer com os negociantes Alemaens. A experiencia faria ver que emquanto não ouvece caza de

negocio Portugueza em Petersburgo esta intimidade com os Inglezes não nos seria mais dezavantajosa do que nos seria util a comrespondencia com os Alemaens. Os Inglezes ligados com os negociantes Russos pella immencidade do seu comercio estão mais nas circunstancias de estenderem o de Portugal, mandando anticipadas ordens a este Reino para as remesas das nossas producsoens; ao mesmo tempo que os Alemaens apenas podem vender estas mesmas producsoens, quando chegão, não somente a credito, mas este credito a termos dilatados.

Talvez que alguns suponhão que metendo-se o comercio de Portugal nas maons dos Inglezes, que passão em toda a Europa por declarados inimigos das utilidades estrangeiras, elles se poderião oppor a que o nosso negocio se estabelecese naquelle Imperio, afim que nos tempos seguintes elle não fizece enfraquecer o seu comercio. A isto respondo que esta opposição se deve conciderar muito remota ou como nunca subsistente. Primeiramente, porque os Inglezes nam tem nem vinhos nem frutos que possuão introduzir na Russia; o ciume seria por estes dous ramos de comercio sem fundamento. Em segundo lugar, não hé de presumir que os outros generos de mercadorias que podemos mandar de Portugal por especulação fassão perder a estimacão às mercadorias inglezas, muitas das quaes tem chegado ao ultimo grão de perfeição. Daqui podemos concluir que os Inglezes não se opporão jamais ao comercio de Portugal na Russia e que servirão melhor que os Alemaens aos negociantes Portuguezes.

Prova-se o espirito de rivalidade (de que de algũ modo fuy testemunha) que ha em Petersburgo entre as duas Nascoens a s^a [?] com o navio Senhor Mathozinhos, do qual a carga foy concignada a Bagge e o navio a Ware. Estas duas diferentes concignacoens, indo a duas Cazas oppostas pellos proprios intereces, forão origem de mil disputas entre os ditos dous negociantes, o que não faz mais do que embarasar os Cappitaens e com tanta mais razão que elles não sabem lingua algũa para poderem rezolver quaesquer difficuldades, cujas podem algua vez produzir effeitos dezavantajozos ao comercio que se pertende estabelecer.

Este cazo merece algua actensão, para que em Portugal os Negociantes que carregão para a Russia, tomem as suas medidas justas para obviar qualquer deficuldade que os Cappitaens ali possuão encontrar.

Não havendo naquella Corte quem pudesse conciliar qualquer disputa mercantil, a que o nosso negocio pode dar lugar, he de summa importancia que os carregadores deste Reino mandem as coizas com tal clareza que não dem ocasião para disputas, como acontece entre os dous mencionados negociantes, não somente sobre quem devia ou não regular os fretes, em virtude das deferentes concignacoens que havião do navio e da sua carregação, mas taobem sobre quem devia carregar primeiro os generos de que tinham resebido as ordens; e isto não faz mais do que demorar a carregação do navio, que he hũ prejuico concideravel no commercio.

Tudo isto faz ver a urgente neccidade que o negocio de Portugal tinha de hua Caza de Comercio Portugueza em Petersburgo. A Hespanha quando comesou o seu comercio com a Russia foy o primeiro passo que deu. A Caza de Millans e C.^a de Barcelona teve a gloria de fundar ali o seu credito e de estabelecer o seu nome naquelle Imperio. O Menisterio de Madrid approvou muito esta rezolução; tem-na patrocinado thé agora; e para animar a sua concervação, Collombi, compr.^o [?] de Millans, que rezide em Petersburgo, fornece os Armazens Reaes Hespanhoens, pertencentes à repartição de Ferrol. E sigundo as intencoens do Conde de Florida Blanca, Ministro de Hespanha, logo que a páz de concluir, todos os provimentos para os Armazens da Hespanha, serão dados a Collombi. Ex aqui hũ exemplo do modo porque a Hespanha augmenta o seu comercio nacional por toda a parte, preferindo os seus compatriotas aos

estrangeiros, para lhes procurar as utilidades, que nos fazemos cahir nas maons das outras Naçoens que são corretores deste comercio. Os navios vindos de Portugal para os portos da Russia, não podendo fazer mais do que hua só viagem no anno, parecia-me que devião sahir dos portos deste Reino em hũ tempo em que chegando aos Mares do Norte não achassem os inconvenientes dos frios que reinão naquelles climas. Elles são tanto mais insoportaveis aos marinheiros portuguezes que estando costumados a navegar em mares cituados em climas mais annalogos à constituição dos habitantes de Portugal vem geralmente mal vestidos, de modo que o frio os penetra athe o ponto de não poderem servir nas funsoens das manobras dos navios. Deste sentimento (alem de outros) era o Cappitao Vianna, Cappitao do Navio Correyo de Lisboa, o qual chegou a Petersburgo a tempo de passar ainda pellas inclemencias de hua estação cruel, e pellos seus sentimentos comprehendí, que elle estava averso áquella navegação. Faley tãobem a alguns marinheiros portuguezes que me disserão não tornavão outra vez a Petersburgo, ainda que lhe pagassem dobrado. He digno isto de reflexão. Estes homens vão e vem a Portugal, contão todas estas incomodidades e derramão no espirito dos marinheiros portuguezes hua aversão pella navegação do Baltico, que pode vir hũ dia a fazer prejuizo, não só fazendo deficultosas de se acharem as tripulacoens para os navios que devem hir a Petersburgo, mas de pagarem ordenados mais avultados aos marinheiros, à proporção que estes medem os ordemnados que pedem pellos incomados que sofrem e que a narração dos que sali vem lhes sabe exagerar. Os que chegarem a Chronstad por todo o Junho não terão motivo de fazer estas exagerasoens. No principio em que se estabelece hũ comercio entre climas tão oppostos não se deve pertender hua certa actevidade na navegação. He percizo costumar primeiramente a imaginação a ver objectos tão differentes, para que a natureza se fameliarize ao dipois com elles.

Os negociantes portuguezes que carregarem para a Russia em navios proprios ou de propriedade alheya devem ter hũ grande cuidado em especeficar nas cartas de fretamento dos navios todas as condiçoens com clareza. Isto he muito necessario em hũ Paiz onde não há uzos nem estilos proprios e onde os Portuguezes não fazem mais que comesar o seu comercio. Estas clarezas podem remover todas as deficultades ou duvidas que se possão suscitar. No anno passado de 1780 se vio hũ exemplo disto. O navio Senhor de Mathozinhos (como qualquer outro de grande lote), que não pode hir a Petersburgo, ficou em Chronstad onde, como he costume, descarregou a sua carga em grandes barcas ou galeotas para a Alfandega de Petersburgo, e Bagge a quem vinha concignada a dita carga se sentio embarasadissimo (como confessou) por não saber por conta de quem devia fazer a despeza do frete das dittas barcas ou galeotas. Parece que elle se queria conformar ao costume dos Hollandezes e Suecos que hé de fazer esta despeza por conta dos donnos dos navios. Entre os Inglezes porem faz por conta dos domnos das carregacoens; estas couzas estabelecidas em Portugal e especeficadas na carta de fretamento não deixão lugar à menor duvida.

Para que as especulasoens do comercio que os Portuguezes fizessem para a Russia tenham hum successo vantajozo, fas-ce necesario que elles tenham hũ grande conhecimento dos generos que naquelle Paiz podem ter hua sahida prompta e sem perda. Alem destes generos há outros diferentes, que são effeitos das nossas manufacturas, os quaes mandados por especulação poderião vir a sahir no gosto dos Russianos e pello tempo adiante augmentarem por meyo desta extracsão as nossas Fábricas. He com hũ zello bem louvavel de ampliar o comercio de Portugal que a Junta da Companhia Geral da Agricultura do Alto Douro começa a fazer alguns ensayos para conhecer o gosto dos russianos. Estas tentativas são expostas a perdas quazi inevitaveis, mas sem ellas não se podem empreiender grandes especulaçoens mercantis e o comercio não alarga os seus lemites sem se arriscar às contingencias da ventura, o qual de outra sorte he sempre

circum-lemitado em hũ pequeno circulo. Sobre estas duas especies de mercadorias, isto hé, aquellas que podem fazer o fundamento de hũ commercio subsistente entre a Russia e Portugal, e as outras, que os Portuguezes só podem mandar por especulação, farey aqui particulares reflexoens.

O primeiro e mais concideravel ramo de commercio e que deve fazer o fundamento do que se pertende estabelecer entre a Russia e Portugal he o vinho. Não há genero que possa deixar mais lucro aos negociantes portuguezes que querem commerciar com a Russia. Este Paiz vasto e immenso faz hũ grande consumo desta bebida e por conseguinte a extração do que se manda de Portugal he quazi como infalivel. A natureza do clima e a inclinação que os habitantes da Russia tem por todas as bebidas que fermentão faz sempre este negocio concistente. Os Francezes estavam na posse de proverem esta Nação dos seus vinhos e quazi que era para elles este negocio exclusivo. Elles souberão fazer valer tanto os seus vinhos que não obstante ser geral na Russia o gosto pellas bebidas fortes fizeram que os Russianos dessem a preferencia dos seus vinhos de Bordeaux aos de Hespanha e de Portugal. Este gosto he inda hoje dominante e os vinhos ligeiros são aly os mais estimados. Depois que os Hespanhoes estabelecerão hũ commercio direito na Russia cuidarão logo em introduzir os seus vinhos e com tão bom successo que a mim me segouro Collomby, negociante catalão, ja mais tinha perdido neste genero. O successo que tem tido todas as carregaçoes de vinhos que tem hido de Portugal nos deve fazer olhar este artigo como o mais ecencial da nossa exportação.

Mas se pello tempo adiante o nosso commercio com a Russia se estender de modo que em Portugal haja muitos negociantes que queirão carregar para os portos da Russia eu reseyo encontrem muita deficuldade na extração dos seus vinhos. O anno passado me disse Cramper, negociante inglez residente em Petersburgo, que no anno antecedente resebera hua carregação de Lisboa, por conta de Joze Alvares da Luz, e que por haver no ditto anno mayor quantidade de vinhos, lhe tinha custado a achar compradores aos seus, os quaes por isso vendera a credito de 8, 10 e 12 mezes.

Para que os vinhos de Portugal tivessem a primeira reputação na Russia seria percizo fazer cahir o credito em que estão ainda hoje naquelle Imperio os de França. Para conceguir este fim não ha segundo me parece outro meyo senão o de mandar de Portugal vinhos que não sejam fortes e com grandes misturas d'agua ardente. Deste modo, eu estou persuadido que nos tirariamos este ramo de commercio aos Francezes. Os nossos vinhos, podendo vender-se mais baratos que os de França, em razão da differença dos direitos, não encontrando obstaculo no gosto dos Russianos, virião em pouco tempo a ter a preferencia. Para que os negociantes portuguezes sejam convencidos de que os vinhos de Portugal podem passar ao Norte e mesmo à Russia bem concervados, ainda sem a mistura d'argua ardente, hé hua demonstração evidente a experiencia.

A Companhia Geral mandou (entre outras amostras de vinhos no anno de 79) ao Ministro de Sua Magestade o Excelentissimo Cavaleiro d'Horta dous pequenos barriz de vinho branco e tinto, sem agua ardente, e thé finalmente hũ de vinho verde, produzido nas vezinhanças do Porto, etc. Este vinho chegou todo delecioso e todas as pessoas que o tem gostado o tem achado excelente. Elle inda se concerva puro e sãom, sem ter enfraquecido, porque provando-o em duas differentes ocazioens e observando-o impertinentemente o achey..... [sic]. Ex aqui hũ exemplo que faz destruir todos os prejuizos com que nos abuzamos em Portugal de que os vinhos se não podem concervar sem a mistura d'agua ardente. Os vinhos desta qualidade, torno a dizer, serão ali os mais estimados e nos procurarão concideraveis ventagens, não somente à Junta da Companhia e aos negociantes em particular, mas todo o commercio em geral, procurando-nos este

ramo de comercio hũ meyo seguro de poder soldar em nossa ventagem a balança do comercio que directamente fizermos com a Russia.

Os vinhos brancos são aly mais estimados que os vermelhos ou tintos. Ordinariamente aquelles se vendem mais caros do que estes de 15 a 18 e muitas vezes 20 rublos a pipa, vendendo-se ordinariamente o vinho branco de 90, 95 a 100 rublos e o tinto de 70, 75 a 80 rublos por pipa. Parese-me que os vinhos de Monção, Annadia e..... [sic], que não são fortes, poderião ali ter boma sahida.

Os frutos verdes de laranja e limão offerecem em Portugal hũ objecto ecencial de comercio para os Paizes do Norte, mas elle em si mesmo he muito arriscado para a Russia. Quazi todos os que carregarão em Portugal destes frutos para Petersburgo perderão concideravelmente. Eu faley com alguns estrangeiros que fizeram esta especulação e que se mostrarão arrependidos de a empreenderem, mas este negocio feito com algua circonspecção não pode ser infeliz.

O sal pode fazer hũ artigo ecencial do nosso comercio de Portugal para a Russia (suposto que aquelle Imperio tem bastante sal de minas e de lagos). Este genero de Portugal por ser o melhor hé aly summamente necesario para as salgas que se costumão fazer naquelle Paiz para que o nosso sal hé excelente.

A entrada porem deste genero não he permitida senão nos Portos de Riga, Narva, Wibourg e Fridrischamin, que pertencem às provincias que ali chamão Conquistadas. Em Petersburgo he defendido, suposto que os Armazens Imperiaes se provem deste genero para as suas salgas, mas dos portos asima mencionados. Os Suecos são os que ordinariamente carregão deste genero em Setuval para o transportarem a estes portos. Parece que seria hua boma especulação se os nossos negociantes carregarem deste genero para Riga, onde elle se vende muito bem, e em retorno nos poderião trazer generos de bastante conveniencia. A ocazião de fazer este comercio com mais successo he tanto mais oportuna que os Polonezes que provião estas Provincias do seu sal tem feito agora nelle hũ monopolio.

As aguas ardentes de Portugal podem fazer na Russia hua grande conveniencia à Junta da Companhia, mas sobre esta materia he percizo fazer algua reflexão. A agua ardente na Russia he hũ monopolio da Coroa que arrenda este Contrato por hũ presso exorbitante aos contratadores. Este genero hé de hua extração immensa e não he permitido vender as dittas aguas ardentes senão aos contratadores, mas no cazo que se procurace meyo de reseber ordens do contratador para fazer hir de Portugal este genero sertamente que isto poderia fazer pello tempo adiante hũ grande prejuizo às aguas ardentes de França, de onde os contratadores annualmente tirão de 8 a 10.000 almudes. Este comercio porem se deve fazer com a mayor precaução e segurança da parte dos Commisarios de quem se reseberem estas ordens; de outra maneira, o risco da perda he evidente, pois que estes contratadores, que são negociantes russos, são pella mayor parte pouco verdadeiros e sem fé.

Hum dos artigos mais importantes para o nosso comercio da Russia he tãobem o asucar do nosso Brazil, mas athe o presente os Francezes tem vencido neste genero superioridade na concorrencia com as mais Nacsoens. Quazi todo o asucar que se trabalha nas refinarias da Russia he da Martenica e de S. Domingos. Para noz neste genero procurarmos algua ventagem e os negociantes serem seguros de hua boma venda, seria percizo que o nosso asucar se trabalhase no Brazil melhor, que fosse mais branco e menos humido. Estas máz qualidades degradão o nosso asucar bruto e emquanto for assim não poderá sustentar nunca a concorrencia com o de França; por esta razão parecia-me que os negociantes que quizesem carregar algũ asucar para lhe darem reputação e lhe procurarem sahida vantajosa o mandassem em barricas, bem seco, bem acondicionado e do mais branco. O asucar vem ordinariamente do Brazil em

caixas, que ali não gostão ver, assim como grandes pipas de vinho. Quando se principia hũ Comercio com hua Nasção he percizo não so consultar a propria conveniencia, mas tãobem o gosto da Nasção com quem se pertende commerciar.

Estes são os artigos principaes que me parece devem fazer a baze das carregaõens dos nossos negociantes. Eu passo agora a dizer alguma coiza sobre os artigos que podem ser de hua simples especulação.

Entre estes, os atanados de Portugal parese-me que poderião fazer conta aos negociantes portuguezes. Geralmente as fabricas da Russia de atanados trabalhão muito mal. Os Inglezes introduzem quantidade deste genero na Russia; suposto que os nossos atanados são de hua qualidade inferior aos de Inglaterra, contudo não deixarão de ter boma sahida, com tanta mayor razão que os mesmos Russos fazem hua grande consumação destes generos, pois que pellas continuadas neves uzão concideravelmente destas sollas nas bottas e sapatos, e para si preferem sempre os atanados estrangeiros, aos nacionaes.

Os baetoens da Covilhã, seragoças d'alem Tejo e os jardos podem pello tempo adiante fazer alguma conta, havendo particular cuidado nestes generos com as qualidades e cores, em ordem a merecer o agrado daquella Nação. O cetim, tafetáz, nobrezas e outras semelhantes cedas das nossas fabricas, tendo igual respeito as cores que geralmente uzão, devem excitar a especulação dos nossos negociantes.

Os frutos secos, como ameixas, peras, pecegos e cerejas hão de ter sempre sahida na Russia e segundo me parece não podem cauzar perda. Estes generos, assim como passas, figos, etc., que não são eccenciães para fundamentar o comercio, não deixarão de o animar, variando com elles as producsoens de Portugal, donde se não devem tirar senão as que não cauzem prejuizo aos que entreprienderem este comercio que melhor pode calcular-se pella tarifa dos direitos da Alfandega de Petersburgo; assim nóz poderdessemos unir neste aquella vantagem que, todo o Mundo instruhido no comercio da Russia conhece, tem os Inglezes pello seu Tratado de Comercio com aquelle Imperio, o qual entre outros privilegios he bem notavel o de pagarem os direitos de importação em moeda do Paiz, ao mesmo tempo que as outras Naçoens os pagão em Birdalers, que na cituação do cambio em Setembro passado fazia a diferença de quazi 6 por 100 que he actendivel.

O contrario disto parece ser hua maxima errada, pois que mandando outros efeitos de Portugal que ali não podem ter sahida ventajosa, não só pella concorrência de outras Nacoens que mandão outra melhor qualidade dos mesmos efeitos, ou pella abundancia delles que os faz valer preços mais baratos, rezulta disto que os nossos negociantes mandando todos os generos de efeitos do nosso Paiz se expoem a grandes perdas, o que não faz mais do que dezanima-los do comercio do Norte e infundir-lhes hũ espirito de desconfiança em todas as expeculaçoens que poderião fazer dos generos mais ecenciães e mais ventajosos ao commercio de Portugal com a Russia.